

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

ROUSSEAU E A ESCRITA DE SI¹

Lucas Mello Carvalho Ribeiro²

Resumo:

Este artigo pretende demonstrar que a escrita que suporta o projeto autobiográfico de J.-J. Rousseau, mormente aquela das *Confissões*, é forjada de modo a contornar os problemas diagnosticados pelo filósofo em diferentes textos que antecedem a empreitada confessional; textos estes relativos à linguagem e ao seu uso nas sociedades modernas. Para tanto, buscase delimitar, primeiramente, por que a linguagem impõe-se como problema para Rousseau. Em seguida, restará esclarecermos a natureza da escrita de si rousseauiana, desvelando os motivos filosóficos que a deflagram, bem como as balizas conceituais que a sustentam.

Palavras-Chave: Rousseau; escrita de si; linguagem; solidão; natureza

Abstract:

One aims to demonstrate that the writing which sustains J.-J. Rousseau's autobiographical project, especially that of the *Confessions*, is conceived so as to bypass the problems, diagnosed by the philosopher in different texts prior to the confessional enterprise, concerning language and its use in modern societies. In order to accomplish this purpose, one must first determine why language imposes itself as a problem to Rousseau. Next, one shall clarify the nature of the Rousseauian self-writing, unraveling the philosophical motives that engender it as well as its conceptual landmarks.

Keywords: Rousseau; self-writing; language; solitude; nature

¹ Rousseau and self-writing

² Mestre e Doutor em Filosofia pela UFMG, onde atuou como Professor Substituto. Realizou estágio doutoral (PDSE-CAPES) na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. É membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII e da International Society for Eighteenth-Century Studies.

INTRODUÇÃO: LINGUAGEM E ESCRITA DE SI EM ROUSSEAU

Por muito tempo, observou-se entre diversos rousseauístas uma tendência, latente ou declarada, a enxergar nas *Confissões* e demais obras autobiográficas tão somente a possibilidade de um estudo de caso do homem por trás da obra³. Em outras palavras, as *Confissões* não forneceria nada além de um acesso (pouco confiável) à personalidade do autor, tendo, quando muito, um interesse literário, mas nunca filosófico, de maneira que a leitura dessa obra era tida como completamente dispensável para um bom entendimento do pensamento de Rousseau. Consumou-se, destarte, uma separação entre os “escritos filosóficos” e os assim chamados “escritos pessoais”, ou, em outros termos, entre teoria e autobiografia. Cisão estabelecida, dentre outros, por Louis Althusser, que afirmou haver, em Rousseau, “uma transferência da impossível solução teórica para o outro da teoria, a literatura”⁴.

Esse viés interpretativo, todavia, não encontra qualquer suporte no *corpus* rousseauiano, sendo, inclusive, textualmente desautorizado pelo autor, que, a respeito de suas *Confissões*, declarou: “será sempre, por seu objeto, um livro precioso para os filósofos”⁵. A separação antinômica entre filosofia e literatura é, ademais, completamente estranha ao *dix-huitième*, como não deixou de notar Bento Prado Jr.:

[...] a filosofia e aquilo que hoje chamamos de literatura se cruzam no século XVIII de modo muito diferente do atual. [...] Ao menor descuido, abrem-se as portas para o anacronismo – risco de que não escapam os espíritos melhor instrumentados (como é o caso de Althusser, que projetava na obra de Rousseau uma oposição pós-mallarmaica entre Teoria e Literatura).⁶

Por isso, nutrimos a convicção de que a adequada compreensão de certos conceitos e temas do pensamento de J.-J. Rousseau – como os de natureza, verdade/mentira, amor-próprio, escrita etc. – é absolutamente indissociável de uma incursão por sua obra autobiográfica. A nosso ver, há complementaridade, e não ruptura, entre, por exemplo, o *Ensaio sobre a origem das línguas* e a narrativa confessional. Os “escritos de doutrina” e os “escritos pessoais” compõem, no nosso entendimento, uma única matéria filosófica. Assim, esta exortação de Alain Grosrichard poderia servir de divisa metodológica para o trabalho que ora levamos adiante: “[...] tentar pensar

³A título de exemplo, lê-se CASSIRER, Ernst. “Das Problem Jean-Jacques Rousseau”. In: **Über Rousseau**. Berlin: Suhrkamp, 2004, p. 7-90.

⁴ ALTHUSSER, Louis. “Sur le *Contrat Social*”. In: **Les Cahiers Pour L’Analyse**, n. 8 (“L’impensé de Jean-Jacques Rousseau”), Paris, 1967, p. 42.

⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Fragments Autobiographiques”. In: **Oeuvres Complètes, vol I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959, p. 1154. Todas as traduções de Rousseau são de nossa responsabilidade.

⁶ PRADO JR., Bento. “Prefácio”. In: MATOS, Luiz Fernando Franklin de. **O filósofo e o comediante – ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, pp. 9-10.

junto o que se tem costume de separar e opor em Rousseau, a teoria e a literatura”⁷. Trata-se de “considerar a autobiografia em relação a algumas questões filosóficas fundamentais colocadas pelas obras que levam a ela”⁸. Mais especificamente, pretendemos aqui confrontar a teoria da linguagem que antecede a obra autobiográfica e a *art d’écrire* que sustenta esta última.

Com efeito, parecer haver um descompasso entre a severa crítica dirigida por Rousseau à linguagem e ao seu uso nas sociedades modernas e o otimismo linguístico que subjaz à narrativa confessional. De um lado, vemos o genebrino denunciar a cumplicidade entre linguagem e amor-próprio – identificando a primeira como meio por excelência de dissimulação e obtenção de preferências –, bem como a impotência do discurso, ainda que autêntico, face às aparências e aos preconceitos da opinião, que acabam por obstruir as verdadeiras disposições de quem o profere. De outro, lemos na abertura das *Confissões* a seguinte síntese de seu propósito:

Que a trombeta do juízo final soe quando quiser; virei, com este livro nas mãos, apresentar-me diante do soberano juiz. Direi em voz alta: eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Disse o bem e o mal com a mesma franqueza. Nada calei de mal, nada acrescentei de bom, e se me ocorreu empregar algum ornamento indiferente, nunca foi senão para preencher um vazio ocasionado por minha falta de memória; pude supor como verdadeiro aquilo que sabia poder tê-lo sido, nunca aquilo que sabia ser falso. Mostrei-me tal como fui, desprezível e vil quando fui, bom, generoso, sublime, quando o fui: desvelei meu interior tal como tu mesmo o viste.⁹

Há aí uma clara aposta na possibilidade de uma comunicação plena e diáfana – “Disse o bem e o mal com a mesma franqueza”, “Mostrei-me tal como fui”, “desvelei meu interior tal como tu mesmo o viste” – que certamente contrasta com um pensamento que faz pesar uma desconfiança sistemática sobre essa possibilidade mesma. Como coloca Prado Jr. ao comentar o trecho em questão:

o discurso que descreve a curva necessária pela qual as línguas tendem a tornar-se pura pressão e violência, tem também, por outro lado, a pretensão de ser o lugar da expressão pura e da mais pura liberdade. [...] Ao contrário do movimento corrente da linguagem que apenas mascara a vontade de poder que a comanda, a palavra de Rousseau é atravessada por um desejo de transparência absoluta.¹⁰

⁷ GROSRICHARD, Alain. “Gravité de Rousseau”. In: **Les Cahiers Pour L’Analyse**, n. 8 (“L’impensé de Jean-Jacques Rousseau”), Paris, 1967, p. 63.

⁸ KELLY, Christopher. “Rousseau’s *Confessions*”. In: RILEY, Peter (Ed.). **The Cambridge Companion to Rousseau**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 308.

⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. In: **Oeuvres Complètes, vol I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959, p. 5.

¹⁰ PRADO JR., Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 116.

O fato de o filósofo eleger a escrita como meio privilegiado para a expressão de si aguça ainda mais a referida tensão, uma vez que aquela é tida como a forma paradigmática da linguagem corrompida. A pergunta impõe-se, portanto: “Como, de fato, conciliar a imagem do teórico, que descobre um perigo intrínseco no próprio coração da linguagem, com a imagem do escritor que procura a transparência das almas através de uma linguagem que se quer pura e inocente?”¹¹. A fim de respondermos a essa indagação, faz-se imperativo elucidarmos a crítica rousseauiana da escrita e, em seguida, debruçarmo-nos sobre a natureza *sui generis* da linguagem autobiográfica.

A CRÍTICA (METAFÍSICO-POLÍTICA) DA ESCRITA

Pois bem, a análise da escrita empreendida por Rousseau dá-se em dois eixos complementares: um metafísico e outro político. Quanto ao primeiro, é mister fixar, desde logo, o sentido a ser atribuído à palavra “metafísica”. Retemos, aqui, a definição de Jacques Derrida, que identifica como pressuposto fundamental do pensamento metafísico a decisão de equacionar o verdadeiro com o presente ou, dito de outro modo, de considerar o ser apenas como presença¹². Na esfera da linguagem, isto teria como corolário o privilégio da palavra plena sobre as formas escritas de expressão, de modo que a crítica metafísica da escrita poderia ser entendida, em linhas muito gerais, como uma “desqualificação desse tipo de linguagem frente à manifestação viva e presente da voz, que exibiria um vínculo direto e imediato com o sujeito que a profere (vínculo que se torna bastante problemático quando se trata da relação de um texto escrito com seu autor)”¹³.

No interior do pensamento de Rousseau, todavia, essa crítica metafísica não pode ser absolutizada. Ela é complementada por uma crítica política. Com efeito, a proeminência da escrita como meio de expressão nas sociedades modernas e o concomitante enfraquecimento da pronúncia reflete para o genebrino, como veremos, um cenário político em que a força substitui a persuasão no tocante à condução dos negócios públicos. Nesse sentido, Bento Prado Jr. afirma que “os limites da escrita não são dados pelo fato de que ela é incapaz de oferecer, em seu meio de exterioridade, a verdade [...] da experiência vivida: ela só se torna um mal quando e porque ela se institucionaliza”¹⁴. A escrita não é um mal em si. Do contrário, não faria qualquer sentido recorrer a ela para a execução do projeto autobiográfico, quando está em jogo justamente retratar “um homem em toda sua verdade”¹⁵. Especifiquemos, pois, os problemas diagnosticados pelo filósofo genebrino em relação à escrita.

¹¹ Ibid., pp. 112-113.

¹² Cf. DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006, pp. 3-6 e MARQUES, José Oscar. “Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica”. In: _____. (org) **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Humanitas, 2007, pp. 162-163.

¹³ MARQUES, José Oscar. “Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica”. Op. cit., p. 163.

¹⁴ PRADO JR, Bento. **A retórica de Rousseau**. Op. cit., p. 214.

¹⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 3.

Em um fragmento dedicado às questões de linguagem, intitulado “Pronúncia”, Rousseau afirma mais de uma vez que “a escrita não é senão uma representação da fala”¹⁶, lamentando a importância que os gramáticos da época conferiam à ortografia em detrimento das regras de pronúncia: “é bizarro que se tenha mais cuidado em determinar a imagem do que o objeto”¹⁷. O que Rousseau percebe e denuncia, então, é que a escrita, simples suplemento da fala, tende a ganhar vida própria, tende a separar-se daquilo que deveria representar, de maneira tal que, no curso de um processo histórico, ela passa a se sobrepor ao próprio modelo do qual ela não seria mais do que a imagem. Esse movimento pelo qual o “signo é progressivamente tomado pela própria coisa significada, em que a representação se dá como presença”¹⁸, impõe modificações consideráveis à natureza e ao uso das línguas. E é justamente sobre essas mudanças que discorre boa parte do capítulo do *Ensaio sobre a origem das línguas* dedicado à escrita, cuja temática e linha de raciocínio são nitidamente afins àsquelas do opúsculo sobre a “Pronúncia”:

A escrita, que parece dever fixar a língua, é precisamente o que a altera; não lhe muda as palavras, mas o gênio; substitui a expressão pela exatidão. Expressam-se os próprios sentimentos quando se fala e as próprias ideias quando se escreve. Ao escrever, é-se obrigado a tomar todas as palavras na acepção comum; mas aquele que fala varia as acepções através dos tons, determina-os como lhe agrada; menos preocupado em ser claro, dá maior importância à força, [...] não é possível que uma língua que se escreve conserve por muito tempo a vivacidade daquela que somente é falada.¹⁹

Tem-se, dessa forma, que a primazia da escrita nas línguas modernas, nas quais “não se faz mais do que ler falando”²⁰ e “cujo todo valor se encontra nas bibliotecas”²¹, corresponde a um apagamento de seus *acentos* e de um simultâneo recrudescimento das *articulações* – elementos consonantais que introduzem cesuras na trama sonora das vogais, proporcionando exatidão conceitual à língua –, o que as tornam mais claras, mas, igualmente, mais surdas e frias²². Quer dizer, a preponderância da escrita numa língua é índice de sua complexidade lógico-gramatical, o que se dá às expensas de sua força expressiva.

Cumprido, por ora, descortinar o estado de coisas que subjaz ao afastamento e à supremacia da escrita alfabética sobre a fala que ela deveria representar e fixar, isto é, cumprir revelar a que tipo de configuração política responde essa conjuntura linguística. (Lembrando que, em Rousseau, as formas de linguagem, incluindo-se às diferentes maneiras de se escrever, são absolutamente indissociáveis dos modos

¹⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Prononciation”. Op. cit., p. 1249.

¹⁷ Id.

¹⁸ Cf. DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Op. cit., p. 177.

¹⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Essai sur l’origine des langues”. In: **Oeuvres Complètes, vol. V**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1995, p. 388.

²⁰ Id.

²¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Prononciation”. Op. cit., p. 1250.

²² ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Essai sur l’origine des langues”. Op. cit., p. 384.

de socialização. Como o coloca Starobinski: “cada momento da história social tem a linguagem que lhe convém”²³).

Seguindo as formulações do fragmento em apreço, vemos Rousseau assinalar como razão do descuido com a pronúncia e de seu paulatino enfraquecimento a “forma tomada pelos governos”²⁴. O genebrino remete, então, ao capítulo final do *Ensaio*, que trata precisamente das relações entre linguagem e política. Recuperemo-lo:

As línguas se formam naturalmente segundo as necessidades dos homens; elas se alteram segundo as mudanças dessas mesmas necessidades. Nos tempos antigos, em que a persuasão fazia as vezes de força pública, a eloquência era necessária. De que serviria ela hoje, que a força pública supre a persuasão? Não se precisa de arte nem de figura para dizer: *esta é a minha vontade*. Que discursos resta fazer, então, ao povo reunido? Sermões. E que interesse têm aqueles que os fazem em persuadir o povo, posto que não é ele que distribui benefícios? As línguas populares se nos tornaram tão perfeitamente inúteis quanto a eloquência. As sociedades tomaram sua derradeira forma: não se muda mais nada senão com o canhão e moedas, e, como não há mais nada a dizer ao povo senão *dai dinheiro*, isso é dito com cartazes nas esquinas ou soldados nas casas; não é preciso reunir ninguém para isso: ao contrário, é preciso manter os súditos dispersos; essa é a primeira máxima da política moderna. Há línguas favoráveis à liberdade; são as línguas sonoras, prosódicas [...], cujo discurso é distinguido de muito longe. As nossas são feitas para o murmúrio dos divãs. Nossos pregadores se atormentam, suam nos templos, sem que nada se saiba do que disseram. Após terem se esgotado de tanto gritar durante uma hora, eles saem do púlpito quase mortos. Seguramente, não valia a pena fatigarem-se tanto. Entre os antigos, fazia-se ouvir facilmente na praça pública; falava-se aí o dia inteiro sem se incomodar; os generais arengavam a suas tropas, eram ouvidos e não se esgotavam. [...] Suponha-se um homem arengando em francês ao povo de Paris na praça Vendôme: ainda que grite a plenos pulmões, apenas se escutará que grita, não se distinguirá uma palavra. Heródoto lia sua história aos povos da Grécia reunidos ao ar livre e tudo ressoava com aplausos. Hoje, o acadêmico que, num dia de assembleia pública, lê uma memória, mal é ouvido no fundo da sala. [...] Ora, digo que toda língua com a qual não se consegue ser ouvido pelo povo reunido é uma língua servil. É impossível que um povo permaneça livre e fale uma tal língua.²⁵

Essas elaborações mostram claramente que a proeminência da escrita e a progressiva gramaticalização das línguas modernas caminham lado a lado com o

²³ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo, seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 311.

²⁴ Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Prononciation”. Op. cit., p. 1250.

²⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Essai sur l’origine des langues”. Op. cit., pp. 428-429; grifos no original.

esvanecimento da força da voz, da dimensão retórica da linguagem. As línguas nas quais “se diz tudo como se se estivesse escrevendo”²⁶ são línguas apáticas. Mas qual a consequência mais palpável dessa subtração de energia às línguas? Ora, sabemos que uma linguagem apaixonada, expressiva, como a linguagem original concebida nos primeiros capítulos do *Ensaio*, faculta a comunicação das disposições interiores e incita os sentimentos que a animam em seus destinatários, levando-os à ação²⁷. Nesse caso, a fala veicula, sem distorções, as paixões pelas quais o sujeito da elocução é agitado, comunicando-as ao auditório. Pois é precisamente isso que as línguas modernas, tanto mais escritas e raciocinadas quanto menos sonoras e expressivas, demitem de seu horizonte: a eloquência, a capacidade de afetar seus ouvintes. Em suma, o que elas perdem é a capacidade de “persuadir homens reunidos”²⁸, função precípua da linguagem numa comunidade política justa, na qual os cidadãos devem deliberar sobre as coisas de interesse comum.

Dispostas as razões que fundamentam a crítica da escrita, trata-se, doravante, de averiguar como Rousseau busca reabilitá-la. Mais especificamente, trata-se de examinar os expedientes por ele mobilizados no intuito de forjar uma nova escrita, apta a concretizar os intentos autobiográficos.

AS CONFISSÕES E A REABILITAÇÃO DA ESCRITA

Nosso primeiro passo nesse sentido será analisar o trecho das *Confissões* no qual são explicitados os motivos que levaram o autor a voltar-se para a escrita:

não sendo tolo, muitas vezes, no entanto, passei por tal, mesmo entre pessoas bem preparadas para julgar. [...] Amaria a sociedade como qualquer outro se não estivesse certo de aí me mostrar não apenas de forma desvantajosa, mas totalmente diferente do que sou. O partido que tomei de escrever e de me esconder é exatamente o que me convinha. Estando presente, não se saberia jamais o que eu valia.²⁹

Depreende-se desse excerto que a opção pela atividade de escritor advém dos constrangimentos impostos à fala no convívio social: “Jean-Jacques não fica à vontade quando é preciso falar, não é senhor de sua palavra, não coincide com aquilo que diz”³⁰. Nas conversas mundanas, a linguagem encontra-se enredada nos circuitos da opinião, a expressão está condicionada por inúmeras conveniências, pelo desejo de agradar e de se distinguir. Em síntese, a fala se vê aí inteiramente comprometida com o amor-próprio e com um aparecer interessado e inautêntico. (Essa cumplicidade entre linguagem e aparecer, aliás, é denunciada por Rousseau

²⁶ Ibid., p. 388.

²⁷ Cf. Ibid., pp. 375-381.

²⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964, p. 148.

²⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 163.

³⁰ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 131.

desde seu primeiro *Discurso*³¹ e é reiterada em diferentes momentos de sua obra.) Em apoio a essa hipótese acerca dos determinantes da escrita, citemos uma passagem do livro III das *Confissões*:

Tão pouco senhor de meu espírito a sós comigo mesmo, que se avalie o que devo ser na conversação, em que, para se falar adequadamente, é preciso pensar a uma só vez e de imediato em mil coisas. Apenas a ideia de tantas conveniências das quais estou certo de esquecer pelo menos alguma basta para me intimidar. Nem sequer compreendo como se ousa falar num círculo, pois, a cada palavra, seria preciso passar em revista todas as pessoas que ali estão; seria preciso conhecer o caráter de todos, saber suas histórias... para estar certo de não dizer nada que possa ofender alguém.³²

Assim, se quiser proferir uma palavra justa, autêntica, condizente com o valor que reconhece em si, Jean-Jacques terá de se ausentar. Terá que se retirar do *grand monde*, onde o “homem está todo em sua máscara”³³.

SOLIDÃO E ESCRITA (DE SI)

Rousseau decide-se, pois, pela solidão, que, mais do que um mero deslocamento geográfico, reflete uma mudança anímica, que contém, por óbvio, uma contundente crítica à vida social:

De fato, sua nova marginalidade [a marginalidade do solitário] era uma marginalidade acusatória. Ele rejeitou Paris. Deixar essa cidade era o equivalente a denunciar uma sociedade que rebaixava e degradava o gênero humano. Ao abandonar a sociedade, Rousseau indiciou suas relações anônimas, que substituíam a realidade pela aparência; indiciou sua hierarquia [...], falsa e injusta; indiciou todo um sistema social que continuamente ameaçava a independência e a liberdade do indivíduo.³⁴

³¹ “Antes que a arte houvesse moldado nossas maneiras e ensinado nossas paixões a falar uma linguagem rebuscada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais; e a diferença dos procedimentos anunciava, ao primeiro lance de olhos, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam segurança na facilidade de penetrarem-se reciprocamente, e tal vantagem, cujo valor já não percebemos, poupava-lhes muitos vícios. Hoje, quando as pesquisas mais sutis e um gosto mais refinado reduziram a princípios a arte de agradar, reina em nossos costumes uma vil e enganosa uniformidade, e todos os espíritos parecem ter sido lançados numa mesma fôrma: incessantemente a polidez exige, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os hábitos tradicionais, jamais a própria índole. Já não se ousa parecer o que se é; e, nessa coerção perpétua, os homens que formam esse rebanho a que se chama sociedade, postos nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas [...]. Portanto, nunca se saberá com quem se está lidando [...]” (ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discours sur les sciences et les arts”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard [Bibliothèque de la Pléiade], 1964, pp. 7-8).

³² ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 115.

³³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Emile ou de l’éducation”. In: **Oeuvres Complètes, vol. IV**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1969, p. 515.

³⁴ BACZKO, Bronislaw. “Rousseau and social marginality”. In: **Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, 1978, p. 35.

Essa condenação das aparências sociais que acompanha a solidão pode ser antevista na pena do próprio Rousseau, que, no livro V das *Confissões*, adota um tom satírico para dizer:

[...] se voltasse à sociedade, teria sempre no meu bolso um bilboquê, e brincaria com ele o dia inteiro para me dispensar de falar quando não tivesse nada a dizer. Se cada um fizesse o mesmo, os homens tornar-se-iam menos maus, suas relações tornar-se-iam mais seguras e, penso, mais agradáveis. Enfim, que os gaiatos riam se quiserem, mas sustento que a única moral ao alcance de nosso século é a moral do bilboquê.³⁵

Apartado do murmúrio mundano, Rousseau poderá não somente expressar-se de maneira espontânea e sincera – fazendo jus a si mesmo –, mas, sobretudo, estará em condições de redescobrir a própria norma segundo a qual quer pronunciar-se, o ideal que tenciona vociferar, que animará e dará legitimidade à sua expressão. No “silêncio das paixões [artificiais]”³⁶ proporcionado pelo distanciamento dos salões e dos círculos mundanos, pode-se ouvir a “doce voz da natureza”³⁷, reencontrá-la em si e, então, amplificá-la, transmiti-la a outrem (tarefa precípua da autobiografia):

A nova marginalidade à qual Rousseau se assujeitou redefiniu o falante, a perspectiva da qual falava e a posição moral e social que defendia. [...] tornou-se possível falar apenas de si, mas, ainda assim, mostrar a seus futuros leitores o homem ‘em toda a verdade da natureza’. [...] sobre seus ombros, caiu a missão moral de dizer aos homens a verdade sobre eles e sobre o homem como ele poderia e deveria ser.³⁸

*

É sob esse pano de fundo que devemos compreender a “reforma pessoal”³⁹ empreendida por Rousseau – deflagrada pela notícia, em 1750, de que seu *Discurso* (o primeiro) havia ganhado o prêmio da Academia de Dijon⁴⁰ – e seus corolários. Com efeito, é dito nas *Rêveries*: “É dessa época [da ‘*grand reforme personnelle*’] que posso datar minha completa renúncia ao mundo e esse gosto vivo pela solidão que não mais me abandonou desde então”⁴¹. Aquilo que começa com uma mudança nas vestimentas e a venda de seu relógio de bolso tinha como verdadeiro fundamento a decisão inapelável de “ser livre [...], acima da fortuna e da opinião, e de bastar-se a si mesmo”⁴². Gozando dessa liberdade reconquistada, Rousseau pode recuperar a

³⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., pp. 202-203. Para um comentário dessa passagem, ver BECKER, Evaldo. **Política e linguagem em Rousseau**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH, 2008, p. 41.

³⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discours sur les sciences et les arts”. Op. cit., p. 30.

³⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 356.

³⁸ BACZKO, Bronislaw. “Rousseau and social marginality”. Op. cit., pp. 35-36.

³⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 362.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 356.

⁴¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Rêveries du promeneur solitaire”. In: **Oeuvres Complètes, vol. I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959, p. 1015.

⁴² ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 356. A respeito da reforma pessoal como um todo e, *a fortiori*, do desejo de independência que lhe subjaz, ver

trilha de uma vida autêntica. A rotina das grandes cidades, em que imperam a busca por prestígio e todos os artifícios necessários para obtê-lo – coloca o indivíduo numa situação inequívoca de dependência a outrem (academias, homens de letras, nobres, poderosos em geral). Donde ser imperativo, para aquele que pretende eludir o jugo da opinião e manifestar senão as próprias convicções, abdicar da vontade de glória e celebridade, distanciar-se, ser só: “Seu gosto pela solidão apenas acrescenta-se à necessidade moral de isolamento. Uma vez que a natureza é a chave da verdade, e que a sociedade é por definição antinatural, é somente isolando-se que o homem pode esperar encontrar a verdade”⁴³. A reforma pessoal fáculata, assim, uma enunciação desinteressada, ou melhor, uma enunciação que tenha como único móvel o zelo pela verdade e pelo interesse comum. Por isso, Rousseau recusa a pensão real que lhe seria oferecida após uma bem-sucedida récita de sua opereta – o *Devin du village* –, executada em presença do rei:

Perdia, é verdade, a pensão que me era ofertada [...]; mas me isentava também do jugo que ela me teria imposto. Adeus verdade, liberdade, coragem. Como ousar, doravante [caso tivesse aceito a honraria], falar de independência e desinteresse? Teria de me lamentar ao falar ou calar-me [...]. E achei, pois, que, renunciando a ela, tomava uma resolução muito de acordo com os meus princípios, e sacrificava a aparência à realidade.⁴⁴

O filósofo contorna, dessa maneira, a posição – criticada na *Carta a Beaumont* – assumida por aqueles que fazem do trabalho intelectual e da autoria uma ocupação remunerada pelos poderosos:

Procurei a verdade nos livros; não encontrei aí senão mentira e erro. Consultei os autores; não encontrei senão charlatães que se divertem em enganar os homens, sem outra lei que seu interesse, sem outro Deus que sua reputação, [...] prontos a louvar a iniquidade que os paga. Escutando as pessoas a que se permite falar em público, compreendo que eles não ousam ou não querem dizer senão aquilo que convém aos que comandam, e que, pagas pelo forte para pregar ao fraco, só sabem falar ao último de seus deveres e ao outro de seus direitos.⁴⁵

Rousseau, de sua parte, opta por “copiar música a tanto a página”⁴⁶ e condicionar seu pensamento e sua palavra apenas à utilidade pública:

[...] sentia que escrever para ganhar o pão teria logo sufocado meu gênio e assassinado meu talento, que estava menos na minha pena do que em meu coração [...]. Nada de vigoroso, nada de grande pode sair de uma pena completamente venal. [...] sempre senti que a posição de autor não era, não podia ser ilustre e respeitável senão na medida em que não fosse um *métier*.

KELLY, Christopher. “Rousseau’s *Confessions*”. Op. cit., pp. 310-311.

⁴³ MAY, Georges. **Rousseau par lui-même**. Paris: Seuil, 1961, p. 154.

⁴⁴ Ibid., p. 380.

⁴⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Lettre à Christophe de Beaumont”. In: **Oeuvres Complètes, vol. IV**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1969, p. 967.

⁴⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 363.

É por demais difícil pensar nobremente quando só se pensa para viver. Para ousar dizer grandes verdades, é preciso não depender de seu sucesso. Lançava meus livros ao público com a certeza de ter falado para o bem comum, sem nenhuma preocupação com o resto. Se a obra fosse mal recebida, tanto pior para os que não queriam se aproveitar dela. Quanto a mim, não precisava da aprovação deles para viver. Meu ofício [de copista] podia me sustentar se meus livros não vendessem, e eis precisamente o que os fazia vender.⁴⁷

Essa forte moralidade que Rousseau atrela à sua solidão (condição de possibilidade de uma expressão livre, autêntica e útil) ajuda-nos a entender, outrossim, por que a reprimenda que Constance dirige a Dorval (personagens da peça *Le fils naturel*) – “Renunciar à sociedade, o senhor! Apelo ao seu coração; consulte-o e ele lhe dirá que o homem de bem vive no seio da sociedade e apenas o mau é só”⁴⁸ – tanto lhe incomoda, acreditando tratar-se de uma censura lançada indiretamente pelo autor do drama – Denis Diderot – contra sua reforma e o novo modo de vida dela advindo⁴⁹. A suspeita do genebrino é reforçada por uma carta em que o autor d’*O filho natural* ironiza o epíteto que Rousseau havia recebido de seus contemporâneos – “*citoyen*” –, ao bradar: “Adeus, cidadão! Não obstante ser um eremita um cidadão bem peculiar”⁵⁰. Diante disso, Rousseau não poderia deixar de responder a Diderot: “[...] é impossível que um homem que é e queira ser solitário possa e queira prejudicar alguém, e, por conseguinte, que ele seja mau”⁵¹. Tese já advogada na *Profissão de fé*⁵² e desdobrada em algumas linhas dos *Diálogos*:

Não, senhor, o verdadeiro misantropo não se retiraria na solidão; que mal pode e quer fazer aos homens aquele que vive só? Aquele que os odeia quer prejudicá-los, e para prejudicá-los não pode fugir deles. Os maus não estão nos desertos, estão no mundo. É lá que eles intrigam e trabalham para satisfazer sua paixão e atormentar os objetos de seu ódio. [...] Até então [até a reprovação disposta no *Fils naturel*] via-se o amor pelo retiro como um dos signos menos equívocos de uma alma pacífica e

⁴⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., pp. 402-403.

⁴⁸ DIDEROT, Denis. **O filho natural**. Trad. Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 75.

⁴⁹ Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 455. “Porque a solidão não era para ele uma simples preferência, mas a própria condição de sua vocação [de pintor da natureza humana], Rousseau se sentiu profundamente atingido pela frase de Diderot” (BURGELIN, Pierre. **La philosophie de l’existence de J.-J. Rousseau**. Paris: Vrin, 1973, p. 31). Sobre a polêmica entre os dois pensadores no que concerne ao estatuto da solidão, lê-se STAROBINSKI, Jean. “The accuser and the accused”. In: **Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, 1978, p. 53.

⁵⁰ DIDEROT *apud* KELLY, Christopher. **Rousseau as author: consecrating one’s life to the truth**. Chicago: University of Chicago Press, 2003, p. 127.

⁵¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 455.

⁵² “O homem mau teme e foge de si mesmo; se alegra saindo de si; olha ao seu redor com inquietude e busca um objeto que o divirta; sem a sátira amarga, sem a zombaria insultante ele seria sempre triste; o riso desdenhoso é seu único prazer. Ao contrário, a serenidade do justo é interior; seu riso não é de maldade, mas de alegria, ele traz sua fonte em si mesmo; ele é tão alegre sozinho quanto no meio de um círculo; ele não tira seu contentamento daqueles que estão à sua volta, comunica-o a eles” (ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Emile ou de l’éducation”. Op. cit., p. 597).

sã, isenta de ambições, de inveja e de todas as ardentes paixões filhas do amor-próprio, que nascem e fermentam em sociedade. [...] os solitários, por gosto e escolha, são naturalmente humanos, hospitaleiros, caridosos. Não é porque odeiam os homens, mas porque amam o repouso e a paz que eles fogem do tumulto e do barulho. A longa privação da sociedade os torna agradáveis e doces. O amor-próprio, princípio de toda maldade, se aviva e se exalta na sociedade que o fez nascer e onde se é, a cada instante, forçado a se comparar; ele enlanguesce e morre por falta de alimento na solidão.⁵³

A solidão de Rousseau não se deve, pois, a um ódio aos homens. Ao contrário, ele retira-se para ser útil à humanidade⁵⁴; sua solidão, sublinhamos, tem uma função moral, ela confere-lhe uma nova posição discursiva, a partir da qual ele poderá pronunciar-se espontaneamente, estando sua palavra imune ao jugo do amor-próprio e da opinião.

*

Ora, para que o solitário usufrua de seu novo e privilegiado lugar enunciativo e cumpra a promessa de veicular ao gênero humano “verdades úteis com energia e coragem”⁵⁵ é crucial que ele não se cale. Sua solidão não pode, em absoluto, ser silenciosa; ela precisa fazer-se ouvir. Mas que linguagem resta para aquele que renunciou ao convívio social, à proximidade com outrem? Senão uma: a escrita. Há pois, um laço inextricável entre solidão e escrita:

Escrever e ocultar-se. Surpreendemo-nos com a igual importância que Rousseau dá a esses dois atos. Mas um não vai sem o outro. Ocultar-se sem escrever seria desaparecer. Escrever sem se ocultar seria renunciar a proclamar-se diferente. Jean-Jacques só se exprimirá [adequadamente] se escrever e se ocultar. A intenção expressiva está em ambos os gestos, na decisão de escrever e na vontade de solidão.⁵⁶

O ausentar-se demanda como complemento necessário o escrever: “No exílio, cujo partido ele toma por uma decisão metódica e quase pedagógica, ele já está sob o constrangimento da força infinita de ausência e comunicação por ruptura que é a presença literária”⁵⁷. E a escrita praticada na calma da solidão, diferentemente daquela levada a cabo pelos autores mundanos, escapa não só aos inconvenientes da fala improvisada das conversas ordinárias, mas, mais amplamente, a um dos

⁵³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Rousseau juge de Jean-Jacques, Dialogues”. In: **Oeuvres Complètes, vol. I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959, pp. 788-790.

⁵⁴ O que é mais uma refutação do princípio da peça diderotiana, posto que ali a justificativa para a censura à solidão é, *grosso modo*, a de que pessoas de grandes talentos têm a obrigação de usá-los para o bem da sociedade, sendo impossível fazê-lo longe da mesma.

⁵⁵ Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 553.

⁵⁶ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 134; grifo do autor.

⁵⁷ BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 60.

grandes problemas diagnosticados por Rousseau em suas reflexões sobre a linguagem, a saber, sua cumplicidade com um aparecer interessado e mentiroso. O filósofo poderá, enfim, a despeito da corrupção social, proferir uma palavra verdadeira:

[...] Jean-Jacques se afasta dos ‘falsos julgamentos’ dos outros, mas na esperança de inventar uma outra linguagem que saberá conquistá-los, obrigá-los a reconhecer sua natureza e seu valor excepcionais. Jean-Jacques rompe com os outros, mas para se apresentar a eles na palavra escrita. Elaborará e reelaborará suas frases à vontade, protegido pela solidão. Dará à sua ausência o sentido mais forte: a verdade está ausente dessa sociedade, dela estou ausente também, *son*, portanto, a verdade ausente.⁵⁸

Note-se que, se o raciocínio precedente é válido para toda a carreira de escritor de Rousseau, ele aplica-se com especial propriedade às *Confissões*, em que está em jogo oferecer à humanidade uma “peça de comparação”⁵⁹, um “homem em toda a sua verdade”⁶⁰, um homem de sentimentos não corrompidos e despido de quaisquer máscaras mundanas. A escrita revela-se como meio por excelência de reapropriação da presença, pois esta, no convívio social, recusa-se ao se dar⁶¹. Ela é a única “voz” que resta àquele desprovido da presença de espírito que a vida mundana requer.

*

Evidenciados os móveis que levam Rousseau a escrever, resta ainda um ponto a ser esclarecido. Para transmitir à humanidade a verdade de uma consciência que almeja ser reconhecida como exemplo, torna-se imprescindível forjar uma linguagem forte, uma linguagem que, como aquela dos primeiros capítulos do *Ensaio*, exprima os sentimentos pelos quais aquele que enuncia é agitado. Rousseau tem plena consciência de que a escrita convencional não se presta à realização desse desígnio. Está ciente de que sua autobiografia exige um rearranjo da natureza mesma da escrita. As *Confissões* reclamam uma nova escrita. A questão que se insinua, portanto, é: como fazer da escrita – outrora censurada por encontrar-se apartada do sujeito da elocução e por suprimir os acentos patéticos em prol de maior logicidade – uma linguagem enérgica, capaz de persuadir? Ou, nos termos de Blanchot: “Como fazer da literatura o lugar da experiência original?”⁶².

Nossa hipótese é a de que, para tanto, Rousseau aplica ao caso da escrita a fórmula segundo a qual deve-se “extrair do próprio mal o remédio para curá-lo”⁶³, quer

⁵⁸ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., pp. 133-134; ênfase do autor.

⁵⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Fragments autobiographiques”. Op. cit., p. 1149.

⁶⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 3.

⁶¹ DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Op. cit., p. 174. Alguns parágrafos adiante, Derrida reforça: “Quando a natureza, como proximidade a si, vem a ser proibida ou interrompida, quando a fala fracassa em proteger a presença, a escrita torna-se necessária” (Ibid., p. 177).

⁶² BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Op. cit., p. 63.

⁶³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Du contract social ou essai sur la forme de la république”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964, p.

dizer, ele “condena o mal da escrita e busca uma salvação na escrita”⁶⁴. A *art d’écrire* pode ser caracterizada, assim, como um “socorro ameaçador”⁶⁵.

Luís Fernandes Nascimento não apenas discerne este imperativo de reabilitação da escrita, como também expõe as dificuldades inerentes à sua execução:

Como tornar a escritura um paliativo para o mal que ela mesma provocou? A dificuldade de tal empreitada está na própria natureza universal da escritura – as necessidades que levaram à sua criação visavam estabelecer um código que privilegiasse a exatidão [...]. Em princípio, a palavra escrita não quer emocionar, mas ser precisa. Torná-la um meio de expressão significa, nesse sentido, subverter sua característica básica e fazer com que o universal diga o particular. Tarefa difícil, visto que a escritura, ao contrário da voz, não nos põe diante da presença de um ser sensível – estamos diante de uma inscrição que, em um primeiro momento, nada tem de semelhante conosco, não vemos ali nenhuma familiaridade, nada com que possamos nos identificar. As letras dispostas em um livro não seriam, então, menos inanimadas do que qualquer outra coisa da natureza.⁶⁶

É essa, no entanto, a empresa com que Rousseau, autobiógrafo, tem de se confrontar: “dar vida à fria inscrição das palavras [...]”⁶⁷. Onde Grosrichard afirmar serem as *Confissões* uma “tentativa de fazer da escrita um mundo em que o sujeito pode viver na plenitude de sua presença a si, sob o olhar dos outros”⁶⁸. Como Rousseau irá fazê-lo será objeto da sequência de nossa argumentação, na qual atacaremos a natureza da escrita confessional.

A ESCRITA DAS CONFISSÕES

Je forme une entreprise qui n’eut jamais d’exemple, et dont l’exécution n’aura point d’imitateur. Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature; et cet homme, ce sera moi. (Rousseau, *Les Confessions*)

Rousseau, reiteramos, sabe que a escrita ordinária não convém ao propósito confessional. O caráter idiossincrático da autobiografia requer a invenção de uma nova linguagem⁶⁹:

288. A respeito, lê-se STAROBINSKI, Jean. “O remédio no mal: o pensamento de Rousseau”. Trad. Maria Lúcia Machado. In: _____. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 162-230.

⁶⁴ DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. *Op. cit.*, p. 381.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 177.

⁶⁶ NASCIMENTO, Luís Fernandes dos Santos. **Fala e escritura: as concepções da linguagem de Rousseau, Shaftesbury e Schleiermacher**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH, 2001, pp. 35-36.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 36.

⁶⁸ GROSCHARD, Alain. “Gravité de Rousseau”. *Op. cit.*, p. 61.

⁶⁹ “Rousseau reivindica, ao mesmo tempo, a absoluta novidade de seu projeto e a absoluta singularidade de seu eu. Essa dupla originalidade não tornaria necessário um novo estilo?”

Seria preciso, para o que tenho a dizer, inventar uma linguagem tão nova quanto meu projeto: pois que tom adotar, que estilo tomar para desenredar esse caos imenso de sentimentos tão diversos, tão contraditórios, frequentemente tão vis e algumas vezes tão sublimes pelos quais fui continuamente agitado? Quantos nadas, quantas misérias é preciso que exponha, em que detalhes revoltantes, indecentes, pueris e amiúde ridículos não devo entrar para seguir o fio de minhas disposições secretas, para mostrar como cada impressão que deixou marca em minha alma aí entrou pela primeira vez?⁷⁰

Aquele que se experimenta radicalmente diferente dos outros deverá, para se expressar, forjar uma linguagem radicalmente outra, uma “palavra excepcional”⁷¹. No lugar de uma escrita apática, conduzida sobretudo pelo desiderato de demonstração racional, ele vê-se impelido a forjar uma escrita predominantemente persuasiva, capaz de externar e mobilizar paixões. Verifica-se, destarte, que o conteúdo próprio das *Confissões* – qual seja, toda a plêiade de sentimentos que atravessavam a alma de um indivíduo alçado ao patamar de exemplo – impõe um certo constrangimento à escrita *tout court*, haja vista ser esta, por excelência, um instrumento para designação precisa e desinteressada de estados de coisa exteriores ao sujeito da elocução. Tratar-se-á, afinal, de reverter a relação típica entre *self* e escrita, na qual esta não é senão “um sistema de signos que necessariamente transforma e trai o eu interior imediato, que permanece além (ou aquém) do texto”⁷². Eis como Rousseau pronuncia-se acerca da elaboração e das propriedades dessa nova escrita:

Se quero fazer uma obra escrita com cuidado como as outras, não me pintarei, mascarar-me-ei. Aqui é de meu retrato que se trata, e não de um livro. Vou trabalhar, por assim dizer, na câmara escura; aí não é preciso nenhuma outra arte que não a de seguir exatamente os traços que vejo marcados. Tomo então meu partido sobre o estilo [...]. Não me empenharei absolutamente em torná-lo uniforme; terei sempre aquele que me vier, o mudarei segundo meu humor, sem escrúpulo, direi cada coisa como a sinto, como a vejo, sem rebuscamento, sem embaraço, sem me tolher pela miscelânea. Entregando-me ao mesmo tempo à lembrança da impressão recebida e ao sentimento presente, pintarei duplamente o estado de minha alma, a saber, no momento em que o evento me aconteceu e no momento em que o descrevi; meu estilo desigual e natural, ora rápido e ora difuso, ora sensato e ora louco, ora grave e ora alegre fará ele próprio parte da minha história.⁷³

(MALVILLE, Patrick. *Leçon littéraires sur les Confessions de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: PUF, 1996, p. 131).

⁷⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Fragments autobiographiques”. Op. cit., p. 1153.

⁷¹ PRADO JR, Bento. *A retórica de Rousseau*. Op. cit., p. 117.

⁷² LOEVLIE, Elisabeth. *Literary silences in Pascal, Rousseau, and Beckett*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 150.

⁷³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Fragments autobiographiques”. Op. cit., p. 1154.

Uma interpretação cuidadosa dos vários argumentos arremetidos ao longo desse parágrafo absolutamente capital irá esclarecer-nos a respeito da natureza da escrita de si confessional. Vejamos.

Primeiramente, Rousseau avança uma diferenciação entre livro e retrato que importa elucidar. Ao passo que o conteúdo do primeiro pode ser virtualmente qualquer coisa (desde que diga respeito a uma realidade – factual ou hipotética – extrínseca ao autor), o último não tem como objeto senão o eu de quem escreve, apenas “sua existência pessoal, em sua infinita complexidade e em sua diferença absoluta”⁷⁴. Essa separação de objetos implica, naturalmente, uma distinção estilística. A escrita do retrato terá de acompanhar as sinuosidades de sua matéria-prima. Terá, como assinalamos há pouco, de ser maleável o bastante para dar conta da incessante alternância de estados do eu, de suas mais diferentes paixões, de seus mais eloquentes “nadas”: “Uma variação perpétua no estilo faz-se então necessária para seguir essa sinceridade de todos os instantes: cada acontecimento e a emoção que o acompanha deverão ser restituídos em seu frescor [...]”⁷⁵. Nos antípodas de obras que discorrem sobre entidades razoavelmente estáveis, o autorretrato não poderá curvar-se a convenções literárias preestabelecidas e fixas, não poderá prender-se ao cânone – “a autobiografia não é certamente um gênero regrado”⁷⁶ –, deverá, antes, ser composto segundo os movimentos da alma, segundo os traços que, no momento da escrita, ali estiverem acentuados:

Em uma época em que os gêneros literários são compartimentados, Rousseau afirma que construir uma obra [um retrato], escolher um estilo, é simplificar a realidade. Para alcançar o verdadeiro em sua diversidade e riqueza, o único partido a tomar é não ter nenhum *parti pris*. Ele deixará sua expressão se adaptar, sem controle nem constrangimento, à infinita variedade de situações e emoções.⁷⁷

⁷⁴ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 199.

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. “Introdução aos *Diálogos*”. In: _____. **Ditos e escritos I**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 169.

⁷⁶ STAROBINSKI, Jean. **La relation critique**. Paris: Galimard, 1970, pp. 89-90. Para uma crítica à ideia de “gênero autobiográfico”, ver DE MAN, Paul. “Autobiography as de-facement”. In: _____. **The rhetoric of romanticism**. New York: Columbia University Press, 1984, pp. 67 e seguintes.

⁷⁷ MALVILLE, Patrick. **Leçon littéraires sur les *Confessions* de Jean-Jacques Rousseau**. Op. cit., p. 132. Ainda sobre a variabilidade estilística da autobiografia, cf. STAROBINSKI, Jean. **La relation critique**. Op. cit., pp. 96 e seguintes. O autor identifica, principalmente, uma alternância entre os tons picaresco e elegíaco no decorrer da narrativa confessional. Já a propósito da possibilidade de uma eventual coexistência entre artifícios romanescos e a espontaneidade de estilo requerida pela autobiografia, Malville assevera: “É impossível que Rousseau não se tenha apercebido da contradição aparente que existe entre sua vontade declarada [...] de se entregar à espontaneidade das impressões e seu constante recurso a formas variadas e bastante elaboradas da escrita romanesca. Mas não se pode confundir a forma exterior do romance, sua estrutura aparente, que advém da análise estilística literária e sobre a qual Rousseau trabalha incansavelmente, e sua forma interior, sua estrutura profunda, que não seria acessível a

Essa breve caracterização do retrato, em oposição ao livro, impõe-nos o tratamento de outro rasgo distintivo da escrita confessional, referente a uma espécie de passividade intencional do escritor em relação à linguagem: *terei sempre o estilo que me vier...* Como nota Starobinski, essa fórmula denota “a vontade de ceder iniciativa à linguagem”⁷⁸. Rousseau admite “escrever sob ditado”⁷⁹: “A verdade [de si] não lhe custará nada: ele se deixará tomar por ela, como se a sinceridade encontrasse sua garantia na passividade e no abandono completos”⁸⁰. Essa estratégia engendra uma profunda modificação na estrutura da escrita convencional. A não resistência do sujeito à palavra, sua aquiescência em “deixar agir a linguagem”⁸¹ faz com que esta deixe de ser um meio externo e passe a aderir ao escritor. Uma nova intimidade entre homem e linguagem é estabelecida. O laço entre escrita e impessoalidade é desfeito:

A possibilidade de alcançar o verdadeiro [sobre si] reside nessa liberdade da palavra e no movimento espontâneo da linguagem. [Rousseau] Não terá o leme nas mãos, mas se deixará invadir pelas palavras. Vê-se surgir aqui uma nova concepção de linguagem. A partir daí, a relação entre o sujeito falante [ou aquele que escreve] e a linguagem deixa de ser uma relação instrumental análoga à do trabalhador com sua ferramenta; agora sujeito e linguagem não são mais exteriores um ao outro. [...] Na inspiração narrativa, Jean-Jacques é imediatamente sua linguagem. A palavra é uma e mesma coisa com o sujeito. Sem dúvida, a palavra tem sempre por função mediatizar a relação entre o eu e os outros. Mas já não é um instrumento distinto do eu que a utiliza; é o próprio eu. Não estamos mais diante da empresa árdua de inventar uma nova linguagem; ei-la toda inventada, tão logo não dirigimos mais nossa atenção para a *técnica* da palavra, tão logo renunciamos a *fazer* uma obra literária. O eu, unicamente atento a si mesmo, não pensará nem na obra, nem na linguagem-ferramenta. A obra se fará como puder, e é nisso precisamente que residirá sua verdade. Quando Rousseau falara da imensa dificuldade de expressão, considerava ainda o ato de escrever como um meio. Mas o problema da linguagem se dissipa desde o instante em que o ato de escrever não é mais

nenhuma forma de análise porque ela é inacessível à observação, e se exprime livremente na obra. A atividade de escritor diz respeito às estruturas de superfície. O escritor apreende a estrutura profunda (o ‘modelo interior’) e a deixa falar em sua obra. A espontaneidade não é incompatível com o recurso ao artifício” (MALVILLE. **Leçon littéraires sur les *Confessions* de Jean-Jacques Rousseau**. Op. cit., p. 148).

⁷⁸ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 202.

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ STAROBINSKI, Jean. “Jean-Jacques Rousseau et le péril de la réflexion”. In: **L’œil vivant: essai**. Paris: Galimard, 1970, p. 166. Mais: “A palavra autêntica é uma palavra que não se restringe à imitação de um dado preexistente; ela é livre para deformar e inventar, com a condição de permanecer fiel à própria lei. Ora, essa lei interior escapa a todo controle e a toda discussão. [...] Ela não exige que a palavra *reproduza* uma realidade prévia, mas que *produza* sua verdade, num desenvolvimento livre e ininterrupto” (STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 205; ênfases no original).

⁸¹ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 202.

encarado como um meio instrumental utilizado tendo em vista o desvelamento da verdade, mas como o próprio desvelamento.⁸²

O autobiógrafo conquista, então, “uma relação de verdade e propriedade com o que exprime”⁸³, e essa “inerência do escritor à sua fonte interior”⁸⁴ exorciza, enfim, o fantasma da impessoalidade que pairava sobre a escritura. Resta, por fim, explicitar como Rousseau empresta força expressiva a essa nova escrita.

*

Ao relermos seus fragmentos autobiográficos, vemos que a linguagem à qual Rousseau entrega-se retira sua substância de um esforço de rememoração⁸⁵, de uma lembrança afetiva que atualiza o sentimento outrora experimentado, mantendo-o permeável ao escritor: “Efetivamente, a lembrança está ancorada, para ele, em um perpétuo presente”⁸⁶. Assim, a palavra que advém a Rousseau e que ele não faz mais do que seguir é, primordialmente, manifestação patética. A primazia do sentimento que conduz toda a empreitada confessional redobra-se na escrita que lhe suporta: “Se ao menos tudo isso consistisse em fatos, ações, palavras, poderia descrevê-lo e exprimi-lo. Mas como dizer o que não foi nem dito, nem feito, nem mesmo pensado, mas saboreado, [...] a não ser por esse próprio sentimento?”⁸⁷. E é exatamente esse atravessamento emotivo, propiciado pelo lembrar, que impinge força à escrita de si. Dois fatores contribuem para que essa força expressiva incutida na linguagem pelos sentimentos presentificados via reminiscência seja eficaz. Primeiro, Rousseau – diferentemente de Hume, para quem a sensação despertada pela memória é invariavelmente marcada por uma perda de vivacidade em relação à experiência⁸⁸ – defende que a emoção atualizada pela rememoração é ainda mais intensa do que a vivência original: “Em geral, os objetos causam menos impressão sobre mim do que suas lembranças”⁸⁹. A partir do que Starobinski pode dizer: “o passado, longe de esfumamar-se na memória, aí se amplifica e adquire uma ressonância mais profunda [...]. A emoção revelará sua verdadeira dimensão apenas quando for revivida”⁹⁰. Segundo, o sentimento passado, tornado presente pelo

⁸² Ibid., pp. 201-203; grifos do autor.

⁸³ DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Op. cit., p. 338.

⁸⁴ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., p. 206.

⁸⁵ Procedimento que, também ele, reverte a função habitual da escrita: “Rousseau confia suas sentenças à memória, antes de escrevê-las. Assim, numa inversão do processo usual em que aquilo que é escrito pode ser memorizado, a própria escrita registra aquilo que é memorável [no caso, a carga emotiva dos acontecimentos]” (FRIEDLANDER, Eli. **J.-J. Rousseau: an afterlife of words**. Cambridge: Harvard University Press, 2004, p. 26).

⁸⁶ QUESNEL, Alain. **Premières leçons sur les Confessions de J.-J. Rousseau**. Paris: PUF, 1997, p. 42. Como propõe ainda Perrin, a rememoração patética propicia um verdadeiro *vivere bis* (cf. PERRIN, Jean-François. **Les Confessions de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Gallimard, 1997, p. 86).

⁸⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 225.

⁸⁸ Cf. HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Trad. José Oscar Marques. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 33.

⁸⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. Op. cit., p. 174.

⁹⁰ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op.

trabalho mnemônico, ganha o reforço da moção anímico-passional contemporânea, aquela em curso quando do ato de rememoração: “pintarei duplamente o estado de minha alma [quando do acontecimento e quando de sua descrição]”⁹¹, ou seja, “em vez de reconstituir simplesmente sua história, [Rousseau] conta-se a si mesmo tal como revive sua história ao escrevê-la”⁹². Rousseau deixa-se conduzir por uma linguagem que não é senão fruto de uma dupla efusão patética: “O sujeito é a sua emoção, e a emoção é imediatamente linguagem. Sujeito, linguagem, emoção já não se deixam distinguir. A emoção é o sujeito que se desvela, e a linguagem é a emoção que se fala”⁹³. Ei-nos, finalmente, diante de uma escrita autêntica (concebida na calma proporcionada pelo retiro), rente às disposições interiores de seu autor e, por isso, enérgica, capaz de comover. Escrita que recupera, dessa forma, o ideal de expressividade da linguagem original disposta no *Ensaio*.

Esse parentesco entre a escrita das *Confissões* e a linguagem primeva do *Ensaio* não passou despercebido por Salinas Fortes, para quem “a escrita rousseuniana não pode deixar de ter [...], como paradigma fundamental, a música [*i. e.*, a linguagem musical das origens] e ambiciona ser uma escrita musical”⁹⁴, no que ele acompanha as colocações de Michel Foucault, segundo o qual a escrita das *Confissões* é uma *escrita melódica*, privilegiada porque Rousseau via nela “a mais natural das expressões, aquela na qual o sujeito que fala está presente por inteiro, sem reserva nem reticência”⁹⁵. Starobinski, de sua parte, não hesita em asseverar que a escrita forjada com o intuito de cumprir as promessas da narrativa confessional reclama, “*hic et nunc*, as prerrogativas expressivas que o *Ensaio sobre a origem das línguas* atribuía à língua primitiva. [...] sua escrita, ágil e musical, parece estar à escuta da primeira língua”⁹⁶.

Vemos erguida, enfim, uma escrita que, longe de ser uma linguagem fria e afastada das disposições de seu artífice, tornou-se o lugar por excelência de uma experiência imediata, essencialmente passional. Rousseau inaugura com a celebração do pacto entre “eu” e “linguagem” que subjaz à redação das *Confissões*, a partir do qual “o homem se faz verbo”⁹⁷, uma escrita forte, capaz de persuadir. Apta, em suma, a exprimir *um homem em toda a verdade da natureza*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. “Sur le *Contrat Social*”. In: **Les Cahiers Pour L’Analyse**, n. 8, Paris, 1967.

cit., p. 204.

⁹¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Fragments autobiographiques”. Op. cit., p. 1154.

⁹² STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., pp. 204-205.

⁹³ *Ibid.*, p. 202.

⁹⁴ SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **Paradoxo do espetáculo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1997, p. 87.

⁹⁵ *Id.*

⁹⁶ STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Op. cit., pp. 203.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 207.

- BACZKO, Bronislaw. "Rousseau and social marginality". In: **Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, 1978.
- BECKER, Evaldo. **Política e linguagem em Rousseau**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASSIRER, Ernst. "Das Problem Jean-Jacques Rousseau". In: _____. **Über Rousseau**. Berlin: Suhrkamp, 2004.
- DE MAN, Paul. "Autobiography as de-facement". In: _____. **The rhetoric of romanticism**. New York: Columbia University Press, 1984.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DIDEROT, Denis. **O filho natural**. Trad. Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. "Introdução aos *Diálogos*". In: _____. **Ditos e escritos I**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FRIEDLANDER, Eli. **J.-J. Rousseau: an afterlife of words**. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- GROSRICHARD, Alain. "Gravité de Rousseau". In: **Les Cahiers Pour L'Analyse**, n. 8, Paris, 1967.
- HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Trad. José Oscar Marques. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- LOEVLYE, Elisabeth. **Literary silences in Pascal, Rousseau, and Beckett**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.
- KELLY, Christopher. "Rousseau's *Confessions*". In: RILEY, Peter (Ed.). **The Cambridge Companion to Rousseau**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. **Rousseau as author**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- MALVILLE, Patrick. **Leçon littéraires sur les *Confessions* de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: PUF, 1996.
- MARQUES, José Oscar. "Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica". In: _____. (Org.). **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.
- MAY, Georges. **Rousseau par lui-même**. Paris: Seuil, 1961.
- NASCIMENTO, Luís Fernandes dos Santos. **Fala e escritura: as concepções da linguagem de Rousseau, Shaftesbury e Schleiermacher**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH, 2001.
- PERRIN, Jean-François. **Les *Confessions* de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Gallimard, 1997.
- PRADO JR., Bento. "Prefácio". In: MATOS, Luiz Fernando Franklin de. **O filósofo e o comediante – ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

- _____. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Les Confessions”. In: **Oeuvres Complètes, vol I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Rousseau juge de Jean-Jacques, Dialogues”. In: **Oeuvres Complètes, vol. I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959.
- _____. “Les Rêveries du promeneur solitaire”. In: **Oeuvres Complètes, vol. I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959.
- _____. “Fragments Autobiographiques”. In: **Oeuvres Complètes, vol I**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1959.
- _____. “Prononciation”. In: **Oeuvres Complètes, vol. II**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964.
- _____. “Discours sur les sciences et les arts”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964.
- _____. “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964.
- _____. “Du contract social ou essai sur la forme de la république”. In: **Oeuvres Complètes, vol. III**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1964.
- _____. “Emile ou de l’éducation”. In: **Oeuvres Complètes, vol. IV**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1969.
- _____. “Lettre à Christophe de Beaumont”. In: **Oeuvres Complètes, vol. IV**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1969.
- _____. “Essai sur l’origine des langues”. In: **Oeuvres Complètes, vol. V**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1995.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau**. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.
- STAROBINSKI, Jean. **La relation critique**. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. “The accuser and the accused”. In: **Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, 1978.
- _____. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo, seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. “O remédio no mal: o pensamento de Rousseau”. Trad. Maria Lúcia Machado. In: _____. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Artigo recebido em: 31/08/2019 e aceito em: 07/10/2019